



REVISITANDO A ALDEIA GLOBAL: DIÁLOGO ENTRE VILÉM FLUSSER E MARSHALL MCLUHAN¹

RODRIGO MIRANDA BARBOSA²

RESUMO: O artigo investiga as referências entre Vilém Flusser e Marshall McLuhan e a crítica que Flusser desenvolve acerca do conceito de Aldeia Global de McLuhan. A análise foi realizada a partir de pesquisa bibliográfica no material publicado pelos dois autores, bem como em vídeos e entrevistas, na busca de momentos em que um se refere ao trabalho do outro. Compreendemos que Flusser estabeleceu seu pensamento como uma oposição ao pensamento de McLuhan e desenvolveu sua crítica do conceito de Aldeia Global pelo viés da sua distinção entre discurso e diálogo, apontando McLuhan como um defensor dos meios de comunicação de massa. Concluímos que há alguns equívocos na crítica feita ao conceito de McLuhan.

PALAVRAS-CHAVE: Aldeia Global, Epistemologia da Comunicação, Marshall McLuhan, Vilém Flusser.

ABSTRACT: The present paper investigates the connections between Vilém Flusser and Marshall McLuhan, as well as the criticisms that Flusser develops regarding McLuhan's concept of the Global Village. The analysis was conducted through bibliographical research of materials published by both authors, along with videos and interviews, in search of instances where one references the work of the other. We comprehend that Flusser established his ideas in opposition to McLuhan's thoughts, and he formulated his critique of the concept of the Global Village by emphasizing the distinction between discourse and dialogue. This approach leads him to portray McLuhan as a proponent of mass media. In conclusion, we identify certain inaccuracies in the criticisms leveled against McLuhan's concept.

KEYWORDS: Global Village, Epistemology of Communication, Marshall McLuhan, Vilém Flusser.

1. Introdução

Contemporâneos, Marshall McLuhan e Vilém Flusser viram de perto a inserção dos meios de comunicação na sociedade e dedicaram boa parte de suas vidas a analisar seus efeitos. Flusser, tcheco fugido do nazismo, viveu mais de 30 anos no Brasil e produziu importantes trabalhos nas linhas da filosofia, design, comunicação, assim como em outras áreas. No Brasil,

¹ Uma versão deste texto foi apresentada no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Centro Acadêmico do Agreste. Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rodrigo.mbarbosa@ufpe.br.

estabeleceu, apesar das dificuldades, um importante diálogo intelectual com figuras destacadas como Miguel Reale, Vicente Ferreira da Silva, Milton Vargas e teve uma participação ativa no Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF). Ajudou a fundar a Faculdade de Comunicação e Marketing da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP e o curso de Teorias da Comunicação da FAAP, além de ter contribuído com a Universidade de São Paulo (USP) e o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA).

Na década de 70, diante de um contexto de ditadura militar no Brasil, voltou para a Europa, onde ganhou enorme reconhecimento. Seu livro *Filosofia da Caixa Preta* (1985), por intermédio do qual reflete sobre a fotografia como meio de comunicação que inaugura uma nova forma técnica de imagem, teve grande alcance e foi traduzido para uma dezena de idiomas, inclusive por ele mesmo.

O trabalho realizado pelo *Flusser Archive* (em Berlim e em São Paulo) e os lançamentos recentes das editoras *AnnaBlume* e *É Realizações* têm reacendido a atenção ao trabalho de Flusser nas últimas décadas. Além disso, tem-se na revista *Flusser Studies* um importante aglutinador do debate em torno de Flusser.

Em 1963, enquanto Flusser publicava no Brasil seu primeiro livro *Língua e Realidade* (2004), Marshall McLuhan já vinha construindo, no Canadá, um aprofundamento na questão dos meios de comunicação e suas materialidades com *The Gutenberg Galaxy* (1962); e logo em seguida publicaria o seu livro de maior alcance, *Understanding Media* (1964). A partir daí o canadense alcançou importância mundial e suas expressões ultrapassaram as barreiras da academia e ganharam uso recorrente nos debates públicos. Em 1967, por exemplo, o jornal *The New York Times* publicou pelo menos 27 artigos em que há menção ao trabalho de McLuhan (STRATE e WACHTEL, 2005, p. 6). Sua popularidade foi tamanha que lhe rendeu até mesmo uma aparição no filme *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* (1977), dirigido por Woody Allen.

Difícilmente algum pesquisador em Comunicação durante esse período poderia esquivar-se de conhecer ao menos as frases mais enigmáticas e provocantes de McLuhan, como “o meio é a mensagem”, “aldeia global”, “meios quentes e meios frios”, “os meios de comunicação como extensões do homem”, entre outras.

Apesar disso, Andreas Ströhl acredita que Flusser não foi influenciado diretamente por McLuhan:

Ainda assim, McLuhan não influenciou Flusser diretamente. Não há evidências no trabalho de Flusser de que outros teóricos da mídia contemporânea o influenciaram. Talvez seja uma pergunta inútil perguntar sobre qualquer evidência de influência. McLuhan e Flusser poderiam simplesmente ter sido levados às mesmas conclusões seguindo passos lógicos

semelhantes. É importante reconhecer, no entanto, que este é o único ponto de contato de Flusser com a teoria da mídia contemporânea. (STRÖHL, 2002, p. XI-XII, tradução nossa).³

Ströhl parece dizer que Flusser não teria tomado emprestado o esquema analítico de McLuhan. Ainda assim, não se pode dizer que Flusser não tivesse conhecimento e interesse profundo no trabalho de McLuhan. É o que o próprio Flusser diz ao entrevistador Miklós Peternák quando perguntado “Quem são os pensadores que neste século trabalharam nessa direção? Quem são aqueles importantes para você, mesmo que suas ideias não sigam na mesma direção?” (1988). Flusser responde diretamente:

Eu posso lhe dar dois nomes: por um lado, Roland Barthes, que considero muito importante. Eu parti de seu pensamento, ainda que o considere totalmente errado. Por outro lado, em outro extremo, [Marshall] McLuhan, que propõe uma atitude em relação à imagem que considero “fascistoide”. Sou totalmente contra ele, mas mesmo assim é um importante ponto de partida. (1988, tradução nossa)

A influência de McLuhan no pensamento de Flusser poderia ser definida como marcante ao ponto de Rainer Guldin afirmar que o pensamento de Flusser pode ter sido construído justamente em oposição ao trabalho de McLuhan: “Pode-se mesmo dizer que Flusser desenvolveu muito dessa sua teoria pelo movimento de se distanciar do trabalho de McLuhan” (2008, p. 97). Dessa maneira, nosso objetivo neste artigo é analisar como foi construída essa tentativa de contraponto.

Apesar de Flusser repetidamente não fazer o uso de referências bibliográficas e de não explicitar suas fontes durante os textos, é possível encontrar inúmeras passagens em que faz referência a McLuhan. Inclusive, é possível encontrar, para além dos textos, momentos em que o encontro entre ambos quase ocorreu.

Em 1972, Flusser se dedicou a colaborar com a Bienal de São Paulo de 1973 participando da comissão técnica de uma seção denominada de “Arte e Comunicação”, em que tinha “papel de relevância” (BORBA FILHO 2000, p. 39). Segundo Borba Filho (2000), dentre os participantes convidados por Flusser estava um “grupo canadense ligado” (p. 39) a McLuhan.

O grupo canadense a que ele se refere foi composto por Derrick De Kerckhove, então assistente e amigo próximo de Marshall McLuhan e que viria a ser o novo coordenador do *McLuhan Centre for Culture and Technology* na retomada do centro após o falecimento de McLuhan, em 1980. De Kerckhove (2020) aproveitou a oportunidade e convidou Eric

³ Still, McLuhan did not influence Flusser directly. There is no evidence in Flusser’s work that other contemporary media theorists influenced him. Perhaps it is an idle question to ask about any evidence of influence. McLuhan and Flusser could have just as simply been led to the same conclusions by following similar logical steps. It is important to recognize, however, that this is Flusser’s only point of contact with contemporary media theory. (STRÖHL, 2002, p. XI-XII).

McLuhan, filho de Marshall McLuhan, para fazer parte desta equipe. Mas, quando a Bienal aconteceu, Flusser já estava afastado do projeto e morando na Europa.

Outro momento de quase encontro é, na verdade, uma tentativa nossa de estabelecer uma narrativa frente a uma colcha de retalhos de acontecimentos.

Gary Genosko (2005, p. 251) nos relata, em um artigo sobre as relações de McLuhan e o estruturalismo francês, que McLuhan esteve em Paris no verão de 1973, em uma festa na casa de Claude Cartier-Bresson, irmão do famoso fotógrafo francês. Cartier-Bresson, segundo Genosko, era o seu editor na França e, pelo que pudemos constatar no guia dos *National Archives of Canada* (MARSHALL MCLUHAN FONDS, 1987, p. 91), a ida de McLuhan para a França em 1973 era um tour organizado pelo seu editor “Maison Mame Tours, Paris”. A editora Maison Mame publicou em 1969 um livro denominado *Mutations 1990* (1969a), contendo quatro textos de McLuhan e traduzido por François Chesneau. Além de alguns clippings sobre o tour, há ainda 14 correspondências entre McLuhan e Claude Cartier-Bresson entre 1972 e 1976 (1987, p. 52).

Na festa na casa de Claude Cartier-Bresson, McLuhan foi apresentado a Roland Barthes. Como McLuhan não falava francês, o seu amigo De Kerckhove passou a noite traduzindo a conversa entre ambos. Claude Cartier-Bresson estava empolgado em fazer com que os dois fizessem algum projeto em conjunto. Entretanto, apesar de algum interesse, o projeto não foi desenvolvido (GENOSKO, 2005, p. 251).

A Maison Mame também era a editora que havia publicado anteriormente o livro *La Force du quotidien* (1972), de Vilém Flusser. No início de 1973, Flusser foi convidado pela Maison Mame a escrever sobre a sua experiência como um emigrante judeu no Brasil na segunda guerra mundial (NOVAES, 2017, p.9). O texto acabou sendo formatado em uma autobiografia; em português traduzido como *Bodenlos: Uma Autobiografia Filosófica* (2007).

Em carta endereçada em 30 de junho de 1973 ao seu amigo Fred Forest (amigo de Derrick De Kerckhove também), Flusser comenta sobre assuntos relacionados à organização da Bienal de São Paulo. No penúltimo trecho da carta diz que foi convidado para encontrar McLuhan em Paris, mas que não havia ido e diz que se tornou muito comodista: “Fui convidado para me encontrar com McLuhan em Paris, mas não fui. (Tornei-me muito comodista.)” (1973, tradução nossa)⁴. Nossa suspeita é de que o convite podia ter sido do próprio editor de McLuhan e Flusser, na tentativa de colocá-los em contato.

⁴ “J’étais invité pour me rencontrer avec McLuhan a Paris, mais je ne suis pas allé. (Je suis devenu trop comodiste.)” (1973).

Para além de um contato presencial entre eles, Norval Baitello Junior (2011) afirma, na introdução do livro *Filosofia da Caixa Preta*, que, na Europa, Flusser era um autor com presença obrigatória nas disciplinas de Teorias da Comunicação juntamente a McLuhan: “Flusser é um dos poucos autores que figuram em todas, absolutamente todas, ao lado de McLuhan e pouquíssimos outros” (2011, p.8-9).

Diante de tais evidências, articular o pensamento de Flusser com o do pesquisador canadense Marshall McLuhan nos parece apropriado pela importância dos dois autores para o campo da Comunicação, e pela forma que desenvolvem seus estudos, apontando para o lugar de destaque dos meios de comunicação para compreender a sociedade.

Alguns autores e autoras já investigaram algumas relações entre Flusser e McLuhan, como Kukielko & Rauch (2008), Guasque (2008), Canán (2008), Pandilovski (2016), Mersch (2008), Meulen (2010), Hanke (2012), Schaefer (2011), Weiss (2008). Uma edição especial da revista *Flusser Studies* em 2008 e um evento em 2012 que posteriormente foi publicado em livro *Marshall McLuhan + Vilem Flusser's Communication + Aesthetic Theories Revisited*, organizado por Kohut e Pandilovski (2015).

Apesar destes esforços, ainda não foi desenvolvida de forma aprofundada uma investigação sobre as críticas de Flusser endereçadas a McLuhan e como elas ajudam a compreender o próprio projeto de Flusser. Este é o nosso objetivo com este trabalho, a fim de explorar a questão.

Para o desenvolvimento deste artigo foi necessária uma pesquisa bibliográfica abrangente por todos os materiais que foram possíveis ter acesso, incluindo vídeos e entrevistas. Notadamente, a partir dos autores que fizeram articulações entre Flusser e McLuhan, a fim de possibilitar a investigação de trechos em que um fazia referência ao trabalho do outro. O artigo não pretende se dizer exaustivo no que diz respeito às citações e referências, pois muito do material dos referidos autores ainda carece de organização nos arquivos históricos, como serviços de digitalização; o que facilitaria bastante a investigação.

Para além das possibilidades de um contato formal entre os dois autores, existem citações diretas e entrevistas em que Flusser discute o trabalho de McLuhan, apesar do oposto não ocorrer⁵. Enquanto escreve sobre a história da escrita, Flusser toma McLuhan como fonte para falar das suas características. Estas também não possuem um viés crítico ao trabalho de McLuhan.

⁵ Nas nossas investigações não foi possível constatar referências de McLuhan ao pensamento de Flusser.

Percebe-se no livro *A Escrita* (2010), traduzido do alemão, que Flusser cita diretamente *A Galáxia de Gutenberg* (1972) de McLuhan: “Como disse McLuhan, a galáxia de Gutenberg se propaga para a frente e para trás.” (2010, p. 66). Em contrapartida, na tradução do alemão para o inglês o tom é diferente. Em *Does writing have a future* (2011a), seu comentário sobre o trabalho de McLuhan é para dizer que a galáxia de Gutenberg deveria ser estendida tanto para trás quanto para a frente em termos cronológicos.

Essa maneira de pensar tomou forma grosseira por volta da metade do segundo milênio A.C., no Mediterrâneo oriental. Ela foi impressa claramente na consciência com a impressão e, nos tempos modernos, conquistou o mundo. A galáxia de Gutenberg vai mais para trás e para a frente do que McLuhan percebeu. (p. 52, tradução nossa).⁶

Para além dessas referências de cunho mais complementar, as que nos interessam são aquelas em que Flusser estabelece uma relação de contraponto e distanciamento ao pensamento de McLuhan.

Podemos perceber essa tentativa na entrevista de 1991 quando, discutindo sobre a natureza prótica dos meios de comunicação, a entrevistadora diz ““McLuhan já associou a mídia a extensões ou substitutos do corpo humano ...” (MARCHESSAULT; GULDIN, 2008, p. 2, tradução nossa)⁷, e é interrompida por Flusser com a frase “Não cite nomes” (MARCHESSAULT e GULDIN, 2008, p. 2, tradução nossa)⁸. Estes autores especulam que isso pode ter acontecido por causa da tentativa de Flusser se afastar de McLuhan com ideias próprias.

Ainda que haja outras críticas, para nossa análise focamos nos comentários de Flusser que são dirigidos ao conceito de Aldeia Global de McLuhan na tentativa de construir seu pensamento como um contraponto.

2. Aldeia global

O conceito começa a aparecer nos trabalhos de McLuhan a partir de 1951, no projeto *Report on Project in Understanding New Media* (1960), o qual viria a se transformar no livro *Understanding Media* (LEVINSON, 1999, p. 65).

Dos usos da escrita decorreu a separação dos sentidos com a ênfase no sentido visual em detrimento dos demais. Então, para McLuhan, com o uso dos meios de comunicação

⁶ This way of thinking took rough form about the middle of the second millennium B.C. in the eastern Mediterranean. It pressed into consciousness clearly with print, and in modern times conquered the world. The Gutenberg galaxy reaches further back and further forward than McLuhan realized. (p. 52).

⁷ “McLuhan already associated media with extensions of or a substitute for the human body...” (MARCHESSAULT; GULDIN, 2008, p. 2)

⁸ “Do not mention any names” (MARCHESSAULT; GULDIN, 2008, p. 2)

elétricos, certas características das comunidades orais foram recuperadas. “Com a televisão, vem a extensão do sentido do tato ou da inter-relação dos sentidos, que envolve mais intimamente ainda todo o nosso mundo sensorial” (1969b, p. 298). É importante situar que a ideia de Aldeia Global é na verdade uma consequência da atuação dos meios elétricos.

A era eletrônica, então, colocaria todos em contato, assim como acontecia nas aldeias orais com o envolvimento de todos os sentidos de forma simultânea. McLuhan salienta que no mundo globalizado um dos elementos mais importantes é a vigilância das pessoas e a falta de privacidade.

[...] uma galeria de sussurros, com grande parte da humanidade empenhada em ganhar a vida mantendo o resto da humanidade sob vigilância', um 'teatro', ou seja, 'com todo ser humano mais ou menos consciente de estar ligado- palco e no papel. (2005, p. 12, tradução nossa).⁹

Mais tarde McLuhan preferiu o termo Teatro Global ao invés de Aldeia Global, mas o conceito não teve a mesma repercussão. McLuhan viria incorporar a ideia de que todos se transformam em atores, produtores e não apenas consumidores. “No teatro global, o público e a equipe tornam-se atores, produtores e não consumidores” (2005, p.19, tradução nossa)¹⁰.

Após compreender o conceito de Aldeia Global, passamos a discutir as divergências que Flusser aponta em relação ao conceito.

3. Flusser e aldeia global

Em 1974, Flusser participou de um painel intitulado *The Politics, Philosophy, and Future of Television* no evento *Open Circuits: An International Conference on the Future of Television* no *Museum of Modern Art*, em Nova York. O painel teve a participação de inúmeros intelectuais, e muitos deles estavam interessados em McLuhan. Dentre eles, o coorganizador Gerald O’Grady – fundador de importante curso de comunicação e escritor do obituário de McLuhan para o jornal *Buffalo News* em 1981; René Berger - amigo de Flusser, presidente honorário da *L’Association internationale des critiques d’art*, e aparece em foto em companhia de McLuhan (BERGER, 2009); Hans Magnus Enzensberger - teórico da comunicação alemão e crítico de McLuhan; Pierre Schaeffer - teórico da música, compositor e um dos críticos e promotores de McLuhan na França (GENOSKO, 1999, p. 56), e o artista John McHale – entre

⁹ [...] a whispering gallery, with a large portion of mankind engaged in making its living by keeping the rest of mankind under surveillance', a 'theatre', in other words, 'with every human being more or less aware of being on-stage and in role. (2005, p. 12)

¹⁰ “in the global theater the audience and the crew become actors, producers rather than consumers” (2005, p.19)

ele e McLuhan há inúmeras cartas no arquivo histórico do Canadá (NATIONAL ARCHIVES OF CANADA, 1987, p. 94), assim como citações diretas de McLuhan ao seu trabalho.

Flusser apresentou no painel o ensaio *Two Approaches to the Phenomenon, Television* (1977), publicado três anos depois. Nele, o autor critica a ilusão de participação que a televisão cria enquanto reforça a passividade e cita diretamente o conceito de Aldeia Global de McLuhan.

Se entendi McLuhan corretamente, ele acredita que a TV transformará a sociedade em uma aldeia cósmica. Só o fará se os circuitos fechados atuais forem melhorados e depois abertos. (É importante lembrar, no contexto atual, que "aldeia" significa "polis" e "aldeia cósmica" significa "politização universal".) (1977, p. 245, tradução nossa)¹¹.

Flusser utiliza McLuhan como alvo para afirmar a sua crítica aos meios de comunicação enquanto meios anfiteatrais. É por isso que diz:

McLuhan está errado com sua suposição de que os media anfiteatrais, como a imprensa ou a TV, podem transformar o mundo em uma aldeia global: eles o transformarão num circo cósmico (FLUSSER, 1996, p.275 *apud* GULDIN, 2008, p. 98).

Os meios anfiteatrais partem de um centro para o público “[...] a intenção de encorajar todos os destinatários acessíveis a uma certa espécie de comportamento pela irradiação da mensagem” (FLUSSER, 1996, p.284 *apud* GULDIN, 2008, p. 98).

Segundo Ströhl, o termo *anfiteatral* está ligado ao fascismo, pois está diretamente ligado ao foco dos meios de comunicação de massa no discurso ao invés do diálogo.

Evitando o diálogo mais do que fomentando-o, esse desequilíbrio contemporâneo era o resultado da arrogante estrutura ‘anfiteatral’ (isto é, fascista) dos meios de comunicação de massa discursivos e das instituições igualmente discursivas e piramidais modernas na esfera pública, como partidos políticos, igrejas, e burocracias. Em uma estrutura anfiteatral, um remetente transmite a mesma mensagem para vários destinatários. (STRÖHL, 2002, XVII, tradução nossa)¹².

Isso nos ajuda a compreender a crítica de Flusser ao endereçar o adjetivo “fascistóide” a McLuhan, que apontamos algumas páginas atrás. Primeiro que Flusser perdeu a sua família para o fascismo nazista. Quando ele fugiu com a família da sua esposa para a Inglaterra e depois para o Brasil, a sua família ficou em Praga apesar dos apelos de Flusser. Pouco tempo depois de se estabelecer em São Paulo, Flusser recebeu a notícia de que sua família foi morta pelo regime.

Fascista seria a estrutura dos meios de comunicação de massa, que ao utilizarem de “discurso anfiteatral” ou “mídia anfiteatral” acabam favorecendo o discurso ao invés do diálogo como uma forma autoritária.

¹¹ If I understand McLuhan correctly, he believes that TV will transform society into a cosmic village. It will do so only if present closed circuits are improved on and then opened. (It is important to recall in the present context that “village” means “polis,” and “cosmic village” means “universal politicization.”) (1977, p. 245).

¹² “Preventing dialogue more than fostering it, this contemporary imbalance was the result of the overbearing “amphitheatrical” (that is, fascist) structure of discursive mass media and of the equally discursive, pyramidal modern institutions in the public sphere, such as political parties, churches, and bureaucracies. In an amphitheatrical structure, one sender transmits the same message to many addressees” (STRÖHL, 2002, XVII).

Segundo Flusser, o processo de comunicação poderia ser compreendido a partir de dois princípios que deveriam estar em equilíbrio: discurso e diálogo. Diálogo é o processo relacionado à produção de novas informações. É o diálogo entre as pessoas e a síntese de memórias anteriores que produz novas informações. Como explica Flusser:

[...] é processo pelo qual vários detentores de informações parciais e duvidosas (ou, em todo o caso, duvidadas) trocam tais informações entre si a fim de alcançar síntese que possa ser considerada informação nova (2007, p. 89-90).

No caso do discurso, o processo é de armazenamento e transmissão das informações e memórias. “O processo pelo qual informações existentes são transmitidas por emissores, em posse de tais informações, para receptores que devem ser informados” (2007, p. 89-90). Ele relaciona tal processo principalmente como característica dos meios de comunicação de massa.

O discurso é o princípio dominante na sociedade e nos leva à “solidão na massa” (FLUSSER, 2011c, p. 73), uma solidão que não tem relação com a falta de informações; mas, por causa de uma repetição contínua das informações, a uma incapacidade de gerar novas por intermédio do diálogo.

Então, quando Flusser descreve que McLuhan compreende os meios de comunicação como anfiteatrais e que estes podem transformar o mundo em uma aldeia global, ele está pensando justamente nestes meios de comunicação de massa.

A preocupação de Flusser está no diálogo. Dessa forma, ele até poderia concordar com o conceito de Aldeia Global caso fosse possível a alteração dos meios de comunicação como dito anteriormente (“Só o fará se os atuais circuitos fechados forem melhorados e depois abertos.” (1977, p. 245, tradução nossa)¹³). Entretanto, essa não é a preocupação de McLuhan. Por isso, na citação seguinte ele afirma que o resultado será na verdade um circo cósmico.

Na estrutura do anfiteatro, o emissor emite informações em direção a um horizonte circular de receptores mutuamente não comunicantes. (FLUSSER, 2016, p.73, tradução nossa) (FLUSSER, 2016, p. 73, tradução nossa)¹⁴

Para resumir esta curiosa situação em que nos encontramos: a sociedade é caracterizada pelo predomínio da comunicação discursiva sobre a dialógica, a ponto de ameaçar a função do diálogo. Os meios de comunicação de massa têm a estrutura de anfiteatro do discurso que impede o diálogo, e o anfiteatro, que é o horizonte de sua transmissão, está assumindo uma dimensão cósmica. Discursos com estruturas teatrais, como o cinema e a sala de aula, e que parecem permitir o diálogo de discursos precedentes, estão perdendo o impacto que tiveram ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX, porque os anfiteatros da mídia de massa estão assumindo. (FLUSSER, 2016, p. 77-78, tradução nossa).¹⁵

¹³ “It will do so only if present closed circuits are improved on and then opened.” (1977, p. 245).

¹⁴ In the amphitheatre structure the sender emits information towards a circular horizon of mutually non-communicating receivers. (FLUSSER, 2016, p.73)

¹⁵ To summarise this curious situation we are in: society is characterised by the dominance of discursive over dialogic communication, to a point where the function of dialogue is threatened. Mass media have the amphitheatre structure of discourse that precludes dialogue, and the amphitheatre, which is the horizon of their broadcast, is assuming a cosmic dimension. Discourses with theatre structures, like the cinema and the classroom, and which seem to permit the dialogue of preceding discourses, are losing the impact they had during the nineteenth century

A função do diálogo está ameaçada, pois os meios de comunicação de massa, enquanto anfiteatrais e discursivos, se transformam em dominantes na sociedade.

Em *Into the universe of technical images* (2011b), Flusser afirma que não seria mais possível usar o conceito de McLuhan, pois não há mais uma praça pública para o diálogo.

As chaves romperam nossas concepções de espaço político e privado. Elas nos forçam a pensar em outras categorias. Diante da situação emergente, controlada por chaves dialógicas, não podemos mais usar conceitos como a aldeia global de McLuhan. Não se pode mais falar de aldeia quando não há praça pública e nem casas particulares. A teia de chaves e conexões dialógicas entre elas é mais uma reminiscência da estrutura do cérebro. Pode-se falar de um cérebro global em vez de uma aldeia global. E em tal estrutura, nenhuma distinção pode ser feita entre o pressionamento do botão do obturador da câmera fotográfica e o botão de ligar de uma máquina de lavar. Ambos os movimentos recebem e enviam na mesma medida. (2011b, p. 30, tradução nossa).¹⁶

O trecho é um pouco diferente na edição em português do livro. Nele Flusser, afirma que o fato de todos tatearem em conjunto não pode ser denominado de aldeia global. O processo em uma aldeia não permite publicar o privado, pois não há mais privado a ser publicado e onde não há mais a praça pública.

Em tal situação aperfeiçoada do tatear, não muito distante, todos tatearão em concerto com todos. Por certo, McLuhan está enganado. Isto não pode ser chamado de “aldeia cósmica”, na qual todos publicam o seu privado e privatizam o público proposto por todas as privacidades. Isto não é possível onde não mais há privado a ser publicado e onde não mais há praça pública na qual seria possível publicar-se o privado. Mas, embora o futuro não nos reserve “aldeia”, reserva-nos forma até agora insuspeita de liberdade. (2008, p. 37).

Por isso, Flusser discorda do conceito de Aldeia Global de McLuhan, dado que irá pensar nos meios de comunicação a partir da possibilidade de diálogo para produção de novas informações. McLuhan, ao contrário, está focado no sistema mediático enquanto conexão e dá menos atenção a assuntos como quem tem o poder da comunicação e de quais informações estão sendo transmitidas.

Em outro trecho no livro *Writings* (2002), ele ataca o conceito de Aldeia Global por outro viés. Flusser compara a noção de uma vida civilizada e uma vida cultivada pela oposição entre cidades e vilas.

Primeiro, pergunta-se: por que cidades e não aldeias? Por que não, como alguns pensadores alternativos estão sugerindo, descartar a vida civilizada em favor de uma vida cultivada? Por

and the first half of the twentieth century, because mass media amphitheatres are taking over. (FLUSSER, 2016, p.77-78).

¹⁶ Keys have ruptured our conceptions of political and private space. They force us to think in other categories. In the face of the emerging situation, controlled by dialogically linked keys, we can no longer use concepts like McLuhan's global village. One can no longer speak of a village when there is no public village square and no private houses. The web of keys and dialogic connections between them is more reminiscent of brain structure. One might speak of a global brain rather than a global village. And in such a structure, no distinction can be made between the pressing of a shutter release of the photographic camera and the start button of a washing machine. Both movements receive and send to the same extent. (2011b, p. 30)

que não focar, por exemplo, na vila cósmica de McLuhan? Curto e meigo, porque a aldeia não abre espaço teórico. Porque, apesar das aparências, a vida cultivada e cultivada da aldeia não oferece lazer no sentido civilizado. (2002, p. 175, tradução nossa).¹⁷

Segundo Flusser, McLuhan estaria do lado daqueles que preferem descartar a vida civilizada em favor de uma vida cultivada. Para compreender essa crítica é preciso compreender a distinção que Flusser estabelece entre civilização e cultura. Podemos perceber isso no texto *Das Cidades* [19--], em que ele parte da etimologia latina das palavras “civilização” e “cultura”.

A civilização estaria ligada aos problemas da relação entre homem e sociedade, de uma vida na cidade, enquanto a cultura está organizada em torno das relações entre homem e natureza. Para os romanos, por exemplo, a civilização seria justamente a decadência da cultura, um espaço/tempo em que era cultuada a fé e retidão sem lei [19--, p.1].

É nessa perspectiva que Flusser percebe um romantismo com a ideia de uma volta para a aldeia, um retorno ao domínio da cultura em oposição à civilização. A aldeia é aqui vista erroneamente, segundo Flusser, como um retorno à natureza, e o rococó como um desses traços. McLuhan seria justamente um desses autores que possuem uma admiração por esta narrativa por causa do conceito de Aldeia Global: “também a aldeia global neo-rococo e neo-romântica de McLuhan” [19--, p.3].

Para Flusser, nossa civilização foi projetada “civilmente” e estamos condenados a permanecer na civilização. É sob este ponto que ele observa o abandono e desumanização das cidades, e como os meios de comunicação contribuíram para eliminar as diferenças entre cidade e campo. De acordo com Flusser, “[...] viver na cidade deixou de ter qualquer vantagem com relação à vida no campo”, pois o “[...] o campo passa a ser cidade diluída e deixa de ser campo” [19--, p.3]. Vivem nas cidades apenas as populações de classes economicamente e socialmente baixas, pois os privilegiados estão no campo. Por isso Flusser afirma:

Se é verdade que a civilização é produto da cidade e cultura produto do campo, a tendência certamente não aponta abandono da civilização e busca da cultura. Não é a aldeia global, é a Megalópolis que o futuro imediato nos reserva. A população urbana, ao abandonar as cidades, não o faz em busca da natureza, (embora as vezes o afirme), mas em busca de vida urbana impossível nas cidades. [19--, p. 3].

Flusser percebe uma importante transição na vida do campo, mas ao mesmo tempo interpreta o conceito de McLuhan de Aldeia Global como um retorno ao mundo bucólico da natureza, a um cenário sem conflitos sociais como um passado harmonioso. Como podemos perceber, em McLuhan o conceito é diferente:

Hoje, o mundo instantâneo dos meios elétricos de informação envolve todos nós, de uma só vez. O nosso é um novo mundo de unicidade. O tempo, em certo sentido, cessou e o espaço

¹⁷ First, one asks: Why cities and not villages? Why not, as some alternative thinkers are suggesting, discard civilized life in favor of a cultivated life? Why not focus, for example, on McLuhan’s cosmic village? Short and sweet, because the village does not open up theoretical space. Because, despite appearances, the cultivated and cultivating village life does not offer leisure in the civilized sense. (2002, p. 175)

desapareceu. Como os primitivos, agora vivemos em uma aldeia global de nossa própria criação, um acontecimento simultâneo. A aldeia global não é criada pelo automóvel ou mesmo pelo avião. Ela é criada pelo movimento de informações eletrônicas instantâneas. A aldeia global é ao mesmo tempo tão ampla quanto o planeta e tão pequena quanto a pequena cidade onde todos estão maliciosamente envolvidos em meter o nariz nos negócios dos outros. A aldeia global é um mundo em que você não necessariamente tem harmonia; você tem extrema preocupação com os negócios de todos e muito envolvimento na vida de todos. É uma espécie de coluna de Ann Landers escrita em tamanho maior. E não significa necessariamente harmonia, paz e tranquilidade, mas um grande envolvimento nos assuntos de todos os outros. E assim, a aldeia global é tão grande quanto um planeta e tão pequena quanto os correios da aldeia. (1966, tradução nossa)¹⁸

A interpretação de Flusser equivoca-se diante do intuito de McLuhan com o conceito. Tal retorno está longe de ser harmonioso (ainda que mantenha uma relação religiosa de unificação para McLuhan); pois, segundo McLuhan, o que acontece é um grande envolvimento nos assuntos de todo mundo de forma simultânea por causa dos meios de comunicação elétricos, assim disso não é necessariamente um mundo de harmonias. Portanto, McLuhan está preocupado com os meios enquanto constituintes de um sistema de informação e não na participação política e no conteúdo dos meios.

Considerações finais

Como explica Rainer Guldin, um dos objetivos das pesquisas de Flusser seria problematizar “a maneira pela qual os media modificam o nosso estar no mundo” (2008, p. 99). Tal ponto é muito próximo dos objetivos do próprio McLuhan.

Flusser estava muito interessado no trabalho de McLuhan e por isso o toma como ponto de oposição ao seu trabalho. Um desses traços está em criticar o conceito de McLuhan para estabelecer um contraponto (ainda que possamos identificar que o faz de maneira equivocada).

McLuhan faz, assim como Flusser, o uso de palavras comuns e dá novos sentidos a elas. Ele é conhecido justamente pelas metáforas, frases de impacto, piadas, entre outros. Então, quando McLuhan diz que a nova interdependência eletrônica recria o mundo tal como uma Aldeia Global, não afirma isso literalmente. Talvez o uso da expressão Teatro Global teria impedido

¹⁸ Today, the instantaneous world of electric information media involves all of us, all at once. Ours is a brand new world of all-at-onceness. Time, in a sense, has ceased and space has vanished. Like primitives, we now live in a global village of our own making, a simultaneous happening. The global village is not created by the motor car or even by the airplane. It is created by instant electronic information movement. The global village is at once as wide as the planet and as small as the little town where everybody is maliciously engaged in poking his nose into everybody else's business. The global village is a world in which you don't necessarily have harmony; you have extreme concern with every else's business and much involvement in everybody else's life. It's a sort of Ann Landers column written larger. And it doesn't necessarily mean harmony and peace and quiet, but it does mean huge involvement in everybody else's affairs. And so, the global village is as big as a planet and as small as the village post office. (1966)

várias interpretações equivocadas, como a ideia de um retorno ao um passado mítico harmonioso com a natureza.

O conceito de Aldeia Global possui uma série de problemas, para além das críticas feitas por Flusser. Dentre eles, estão os mencionados por Gaëtan Tremblay, (2003) para quem a interdependência seria maior em sociedades modernas por causa da divisão do trabalho do que em uma aldeia, por exemplo.

Por fim, apesar da crítica de Flusser ser equivocada ao tomar a ideia de aldeia na sua extensão máxima, esta permite importantes reflexões do autor sobre as relações entre as cidades e a vida no campo.

Outro ponto da crítica de Flusser nos permite entender a dicotomia que ele estabelece entre os conceitos de diálogo e discurso a partir dos meios de comunicação de massa. Para Flusser, é preciso brincar com as máquinas para não nos tornarmos funcionários; ou seja, é necessário repensar os meios para transformá-los em meios que foquem no diálogo. Como aponta Guldin “Apenas uma alteração radical no seu uso, uma reconexão dialógica, pode evitar uma catástrofe cultural.” (2008, p. 98). Enquanto para McLuhan, o foco está no sistema mediático que coloca as pessoas em conexão permanente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JUNIOR, Norval. O aparelho e o bote. Filosofia da Caixa preta quase três décadas depois. In: FLUSSER, V.. *Filosofia da Caixa Preta*. São Paulo: Annablume, 2011.

BERGER, René. *René Berger et Marshall McLuhan*. 16 de fev de 2009. Disponível em: <https://www.facebook.com/Professeur.Rene.Berger/photos/ren%C3%A9-berger-et-marshall-mcluhan/51238556482/> Acesso em: 1 de out de 2020.

BORBA FILHO, Gabriel. Presença de Flusser. In: BERNARDO, G., MENDES, R. (Org.). *Vilém Flusser no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 33-44.

CANÁN, A. J. L. Carrillo. “McLuhan, Flusser and the Mediatic Approach to Mind”. *Flusser Studies* 6 - May 2008.

DE KERCKHOVE, Derrick. *Participation at São Paulo's Art Bienal* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rmbdesign@gmail.com> em 4 mai. 2020.

FLUSSER, Vilém. *Das cidades*. [19--] data aproximada. Disponível em: <http://www.flusserbrasil.com/art352.pdf>. Acesso em: 1 de out de 2020.

FLUSSER, Vilém. *La Force du quotidien*. Paris: Maison Mame, 1972.

FLUSSER, Vilém. *Correspondência a Fred Forest*. 30 junho de 1973 Cor_130_FRED FOREST_1 of 2. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1973. Disponível em: http://www.arquivovilemflusersp.com.br/vilemflusser/?page_id=1285 Acesso em: 10 de out de 2020.

FLUSSER, Vilém. “Two Approaches to the Phenomenon, Television”. In: DAVIS, Douglas; SIMMONS, Allison (Orgs.). *The New Television: A Public/Private Art*. First Edition. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1977. p.234-248.

FLUSSER, Vilém. “On writing, complexity and the technical revolutions” [Entrevista concedida a Miklós Peternák] Osnabrück, European Media Art Festival, Setembro de 1988.

FLUSSER, Vilém. *Writings*. Org. A. Ströhl. London: University of Minnesota Press, 2002.

FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2004.

FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, Vilém. *A escrita: há futuro para a escrita?* Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. *Does Writing Have a Future?* Translated by Nancy Ann Roth. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2011a.

FLUSSER, Vilém. *Into the Universe of Technical Image*. Minneapolis: University of Minnesota, 2011b.

FLUSSER, Vilém. *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011c.

FLUSSER, Vilém. *The Surprising Phenomenon of Human Communication*. Metaflux, 2016. Pp. 168

GENOSKO, G.. *McLuhan and Baudrillard: Masters of Implosion*, New York: Routledge, 1999. Pp.151.

GENOSKO, G.. “The paradoxical effects of Macluhanisme. Cazeneuve, Baudrillard and Barthes”. In: GENOSKO, Gary (eds.). *Marshall McLuhan: Critical Evaluations in Cultural Theory*. Volume I. New York, Routledge: 2005. P.223-257.

GUASQUE, Y.. A cidade como um medium em McLuhan e Flusser / The City as a Medium in McLuhan and Flusser. *Flusser Studies 06* - May 2008.

GULDIN, R.. Comunicação e Teoria dos Media. In: BERNARDO, G.; FINGER, A.; GULDIN, R.. *Vilém Flusser: uma introdução*. São Paulo: Annablume, 2008. p.79-105

HANKE, B.. Vilém Flusser’s Digital Galaxy. *International Journal of Communication 6*, Book Review 25–35. 2012.

KOHUT, T., & PANDILOVSKI, M.. *Marshall McLuhan and Vilém Flusser's communication and aesthetic theories revisited*. Winnipeg: Video Pool Media Arts Centre, 2015

KUKIELKO, K.; RAUCH, B.. Marshall McLuhan & Vilém Flusser: The New Model Artists.. *Flusser Studies 6*. 2008.

LEVINSON, Paul. *Digital McLuhan: A Guide to the Information Millenium*. London: Routledge, 1999.

MARCHESSAULT, J.; GULDIN, R.. Introduction. *Flusser Studies 6*. 2008.

MARSHALL MCLUHAN SPEAKS. *Global Village*. Trecho de “McLuhan on McLuhanism,” Producer, Joan Ganz Cooney ; director, Lee Polk ; assoc. producer, Anne Bower ; assoc. director, Ivan Cury. New York, NY: WNDT Educational Broadcasting Network, 1966. 1 fita de vídeo (89 min.). VHS, sd., b&w; ; 1/2 in. Disponível em: <http://www.marshallmcluhanspeaks.com/sayings/1967-global-village/index.html> Acesso em 1 de out de 2020.

MARTINO, L. C.. Atualidade Mediática: o conceito e suas dimensões. In: *Compós 2009 - Encontro da Associação Brasileira de Programas de Pós-graduação em Comunicação*, 2009, Belo Horizonte. XVIII Compós. Brasília: Compós, 2009.

MCLUHAN, M. *Report on Project in Understanding New Media*. A Report to the United States Office of Education. National Association of Educational Broadcasters (NAEB), 1960.

MCLUHAN, M. *The Gutenberg galaxy: The making of typographic man*. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

MCLUHAN, M. *Understanding Media: The Extensions of Man*. London: Routledge & Kegan Paul, 1964.

MCLUHAN, M. *Mutations 1990*. Traduzido por François Chesneau. Paris: Maison Mame, 1969a. pp. 105.

MCLUHAN, M. *Os meios de Comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969b.

MCLUHAN, M. *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1972. 390p

MCLUHAN, M. At the moment of Sputnik the planet becomes a global theatre in which there are no spectators but only actors. In: MCLUHAN, E.; GORDON, W. T. (Eds.), *Marshall McLuhan Unbound (5)*. Corte Madera (California): Gingko Press, 2005.

MERSCH, D.. Kritik des Medienteleologismus. McLuhan, Flusser und Hegel, in: Derrick de Kerckhove, Martina Leeker, Kerstin Schmidt (Hg.), *McLuhan neu lesen*. Kritische Analysen zu Medien und Kultur im 21. Jahrhundert, Bielefeld (transcript) 2008, S. 196-209

MEULEN, Sjoukje. Between Benjamin and McLuhan: Vilém Flusser's Media Theory. *New German Critique*. 37. 180-207. 2010. 10.2307/40926588.

MARSHALL MCLUHAN FONDS. *National Archives of Canada*. R7593-0-1-F, MG 31, D 156 Finding Aid No. 1645 / Instrument de recherche no 1645. 1987. Disponível em: <http://central.bac-lac.gc.ca/.redirect?app=fonandcol&id=98306&lang=engCopy> Acesso em: 1 de out de 2020.

NOVAES, R.. A Sketched Life. In: FLUSSER, Vilém. *Groundless*. Metaflux, 2017. p. 09-16

PANDILOVSKI, M.. What lies behind modern technology? The approaches of Marshall McLuhan and Vilém Flusser. *Glimpse*. v. 17. 10.5840/glimpse20161711. 2016. p.77-85.

SCHAEFER, P.. Vilém Flusser's philosophy of new media history. *New Media & Society*, 13(8), 2011. p. 1389–1395. <https://doi.org/10.1177/1461444811418609>

STRATE, Lance; WACHTEL, Edward (Eds.). *The Legacy of McLuhan*. Cresskill: Hampton Press, 2005. Pp. x, 373.

STRÖHL, A.. Introduction. In: FLUSSER, Vilém. *Writings*. Org. A. Ströhl. London: University of Minnesota Press, 2002.

TREMBLAY, G.. “De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial”. *Revista Famecos*. Porto Alegre, n. 22, dez. 2003, p.13-21.

WEISS, S. L.. Human Consciousness and the Construct of Meaning in the Communication Theories of Marshall McLuhan and Vilém Flusser. *Flusser Studies* 6 - May 2008.